

## A FUNÇÃO DAS ADAPTAÇÕES DOS CLÁSSICOS NO ENSINO FUNDAMENTAL: ESTÍMULO OU ESTRATÉGIA DE VENDA?

Samila Mara de Oliveira Lima\*

### RESUMO

Desde seu surgimento, a Literatura Infanto-Juvenil esteve ligada à educação como instrumento pedagógico e se mostra extremamente útil no desafio de educar. Para isso, é necessário desvendar e avaliar como ela auxilia e se torna um instrumento significativo na formação de leitores. Em 1971, quando a Lei de Diretrizes e Bases 5692 decretou a leitura obrigatória de autores brasileiros nas escolas, surgiram no mercado diversos livros de Literatura Infantil com diferentes tendências; umas voltadas para o estético, outras marcadas por textos utilitários, cada uma mais pedagógica que outra e todas com proposta de facilitação da leitura. Como exemplo dessa literatura, temos as adaptações dos clássicos literários: textos escritos baseados na obra original com uma linguagem que, segundo os editores, facilita a compreensão do leitor adolescente. Tal literatura surgiu com o pressuposto de que toda leitura é boa, que triste e melancólico é não ler. No entanto, embora se reconheça a importância do contato com esses textos, a Escola, preocupada em criar o gosto pela leitura, aceita, sem discutir, a proposta editorial de apresentar textos mais fáceis, que exigem pouco do leitor. Com base nestas informações, este trabalho objetiva refletir sobre a função real desses textos adaptados e o interesse comercial das editoras. Para essa discussão, temos como *corpus* a adaptação da obra *Triste fim de Policarpo Quaresma* de Lima Barreto. Sem dúvida, a linguagem utilizada pelo autor é de fácil compreensão para o adolescente, tornando as adaptações em geral discutíveis, desde que elas sejam trabalhadas pelos professores juntamente com a obra original.

### INTRODUÇÃO

Tradicionalmente relacionados à alta cultura, os clássicos literários são os livros que servem de modelo, que são paradigmas para escritores e críticos. São também “livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis”.

---

\* Graduanda em Letras Português e Italiano – UFC e bolsista de Iniciação à Pesquisa do CNPq, sob a orientação do Prof. Dr. Eduardo Chagas do Curso de Filosofia – UFC.

(CALVINO, 2007, p.10). Ou seja, a leitura dos clássicos contribui para a formação do indivíduo. Porém, essa leitura, a cada dia, perde espaço entre jovens e crianças.

No Brasil, a leitura dos clássicos na Escola vem ganhando espaço relevante nas discussões sobre sua validade, e o fator primordial dessas discussões é a adaptação literária que foi criada com a suposta intenção de facilitar a leitura.

Mesmo reconhecendo a importância do contato com esses textos, a Escola, preocupada com a criação do gosto pela leitura e com o resgate da importância dos clássicos na formação do indivíduo, seduz-se com a apresentação de textos mais fáceis, que exigem menor esforço do leitor, por parte das editoras. Tais editoras se limitam em propagar coleções literárias de puro entretenimento. E o problema não é o entretenimento, mas o fato de que, nas escolas, ele é a finalidade da leitura e não momento estratégico dela.

A leitura com o foco na literatura nacional é obrigatória, na Escola, desde 1971, com a Lei de Diretrizes e Bases 5.692.

§ 2º No ensino de 1º e 2º graus dar-se-á especial relevo ao estudo da língua nacional, como instrumento de comunicação e como expressão da cultura brasileira. (Lei de Diretrizes e Bases 5.692).

Com isso, ocorreu uma verdadeira explosão de livros de literatura infantil no Brasil. Mas qual o papel dessa literatura chamada infantil? É um mero “passatempo”, ou contribui para o crescimento da criança?

A literatura infantil é na sua essência a mesma destinada aos adultos, no entanto sua concepção é muito mais simples. Mas essa simplicidade não é sinônimo de pobreza cultural ou menos valiosa que a literatura destinada aos adultos, e sim utilizada como um recurso literário. A simplicidade na estrutura dessa literatura provoca também uma naturalidade na linguagem utilizada nas obras.

A simplicidade dentro das obras infantis não pode ser vista como a infantilização da linguagem do autor para se aproximar da realidade ou da linguagem do leitor (CUNHA, 1990). No entanto, o uso dessa simplicidade da língua na obra literária, na tentativa de se aproximar cada vez mais do público leitor, acaba, em alguns momentos, se tornando um erro, já que as crianças possuem capacidade psicológica suficiente de reconhecer e entender estruturas linguísticas complexas que, contudo, ainda não são capazes de utilizar. O uso das ilustrações é outro fator delicado, pois, tanto para crianças

pequenas, quanto para os adolescentes, o desenho pode ser mais importante que a palavra escrita. Para as crianças pequenas, as ilustrações existentes nos livros infantis tornam-se palavras que elas conseguem facilmente traduzir o sentido do texto.

Para que os recursos de facilitação da leitura não sejam um problema, é necessário que os livros, ao serem produzidos, sejam direcionados às devidas faixas etárias, priorizando o perfil de cada uma. Para as crianças, os livros costumam ser de materiais bem agradáveis, pois, nessa fase, elas necessitam de estímulos manuais, já que elas conhecem o mundo através da mão. Com as crianças que começam a ler, as ilustrações ainda devem ocupar grande espaço no livro, os textos devem ser pequenos e que tenham relação com as figuras.

A partir do crescimento da criança, ela acaba atingindo um novo estágio psicológico de leitura, e as ilustrações devem acompanhar esse desenvolvimento. É a fase do leitor em processo, em que o texto começa a se tornar mais importante do que as figuras, entretanto, elas ainda estão presentes no texto. Os livros nessa fase tornam-se mais elaborados, com histórias que possuem todos os elementos da narrativa e principalmente um tempo cronológico e psicológico.

Na pré-adolescência, as ilustrações já não são fundamentais no livro, já que crianças nessa idade já dominam leitura, mas ainda estão presentes. Nesse estágio, a criança deve ser estimulada a ler livros mais consistentes, com narrativas mais longas, mas que não sejam demoradas. (COELHO, 2000).

No estágio de leitor crítico, as ilustrações já não estão presentes nas narrativas, o que importa são as histórias contadas nos livros através das palavras e não por figuras, já que o seu desenvolvimento cognitivo já está em estágio avançado, a condição de sua capacidade lingüística também é bastante favorável, e sua reflexão crítica já está totalmente desenvolvida.

As ilustrações dentro dos livros literários infantis não podem ser feitas de maneira displicente e aleatória, pois ela possui importante papel dentro do texto. O papel do artista deve ser cuidadoso, cabe a ele interpretar o que o autor diz em seu texto e “reescrevê-lo” a partir das ilustrações. Não pode haver erros e nem exageros dentro desse aspecto da literatura.

Um livro elaborado para adolescentes, que já é um leitor crítico, não pode conter muitos desenhos e poucos textos, bem como, um livro para iniciantes não deve ser cheio de textos, sem nenhuma ilustração.

Para que as ilustrações não possam ocasionar falha na utilização da literatura infantil como instrumento de produção e construção de novos conhecimentos, para isso é necessário que elas correspondam de alguma forma com que é representado com palavras dentro do texto. Caso contrário, o uso das ilustrações poderá bloquear a imaginação do leitor, já que ele encontra nelas toda a representação da história por ele lida.

Ainda a respeito das ilustrações, não se sabe ao certo qual a quantidade de ilustrações que devem ocupar os textos literários infantis e juvenis, entretanto, sabe-se que seu papel é muito importante dentro desse tipo de produção.

Outras características importantes existentes na literatura destinada às crianças e aos adolescentes são o dramatismo, o movimento dentro da história e o dinamismo.

Enfim, a Literatura Infanto-Juvenil possui inúmeras características que a torna um importante elemento de desenvolvimento do leitor, e com a devida valorização de cada possibilidade ofertada por ela, pode-se considerá-la um efetivo instrumento de produção de conhecimento.

Na realidade, a própria definição de infância também mudou com o decorrer da história no Brasil, levando consigo a produção da literatura infantil. O surgimento da literatura voltada para crianças e adolescentes no país está basicamente entrelaçado ao modelo de educação. Os primeiros relatos desse tipo de literatura no Brasil são representados pelo escritor Carlos Jansen que apenas traduzia contos vindos da Europa como os livros “Contos Seletos das mil e Um Noites”, “Robinson Crusóé”, “As viagens de Gulliver a terras desconhecidas”.

A produção da literatura Infantil iniciou, de fato, com as obras de Monteiro Lobato e durante muito tempo apenas esse escritor ficou conhecido como principal nome desse gênero no Brasil. Monteiro Lobato foi tão importante para a literatura brasileira, que durante o período em que os livros eram editados na Europa, ele também se tornou editor, fazendo com que as edições de livros fossem produzidas dentro do nosso país. Como exemplo de clássico, temos *O Sítio do Pica-pau Amarelo*.

Com uma linguagem simples e um estilo na escrita que consegue reunir a realidade e a fantasia de uma maneira encantadora, Monteiro Lobato transformou-se num dos ícones mais importantes da Literatura Infantil e Juvenil brasileira.

O acesso à Literatura Infantil e Juvenil para muitas crianças ocorre pela primeira vez na escola dentro das salas de aula. Isso é importantíssimo para a formação de novos leitores proporcionando a muitas crianças uma verdadeira viagem pelo mundo dos

livros. Porém, essa viagem pode ser aproveitada somente se o professor estiver preparado para conduzir seu aluno para esse mundo. Uma das discussões mais antigas sobre essa literatura diz respeito a seu caráter pedagógico, na realidade se a literatura é um instrumento de produção de conhecimento e de formação ou se é arte. Muitos estudiosos tentam chegar a uma definição, mas isso está longe de ser resolvido. Para Cunha, a Literatura Infantil e Juvenil é estritamente lúdica, sendo desnecessário seu caráter pedagógico, pois muitos livros de literatura para crianças não apresentam essa característica. Para Cecília Meireles, com o surgimento de uma nova definição de infância é necessário moralizar as crianças. Desse modo, essa literatura surge com esse propósito, com essa finalidade educacional. Assim sendo, a Literatura Infantil e Juvenil deixa de ser um mero passatempo para ocupar um lugar importante na educação, com um caráter pedagógico.

Diante dessa discussão acerca da literatura infantil, Coelho (2000) defende que a mesma pertence tanto à arte literária quanto à arte pedagógica, pois, ao se observar textos infantis, percebe-se esses textos como objeto que causa emoções, dá prazer ou diverte, mas também que modifica a consciência de seu leitor. No entanto, a literatura infanto-juvenil é arte movida por uma intenção educativa e, conseqüentemente, pertence à área pedagógica.

Na verdade existe uma grande variedade de tipos de literaturas. Há alguns livros que não possuem a intenção pedagógica, mas, ao se inserem na Escola, adquirem a função de divertir e ensinar. Outros possuem apenas a intenção pedagógica, com informações, ensinamentos e dados, e, ao se inserirem no ambiente escolar, não cumprem o papel real de ensinar.

Dentro desta grande variedade de literatura, existem muitos excessos; alguns livros, no lugar de divertir, são sobrecarregados de informações, sem estímulos à imaginação, sem magia, como deve ser um livro de literatura infantil. Outros livros possuem magia e imaginação demais, histórias sem uma moral, sem nenhum cunho pedagógico, apenas narrações sem conteúdo.

No meio dessa discussão, a Escola pouco utiliza a literatura em suas atividades, tendo, muitas vezes, apenas o livro didático como instrumento de aprendizagem que utiliza textos fragmentados sem contexto. A ideia não é que as escolas públicas abandonem os livros didáticos e passem a utilizar somente os livros infantis (chamados paradidáticos) nas salas de aulas, pois estaríamos repetindo o mesmo que hoje fazem

com os livros infantis. A proposta é que os livros de Literatura Infantil auxiliem nas aulas.

Sabe-se que a Literatura Infantil está ligada intimamente à escola, já que os primeiros contos foram publicados com o objetivo de educar e ensinar os pequenos. No entanto, o uso das obras literárias infantis não vem sendo realizado com muita frequência no espaço escolar.

Apesar das várias possibilidades apresentadas pela Literatura Infantil e Juvenil, observa-se que o seu uso na sala de aula é tido muitas vezes como um mero passatempo e não como um efetivo instrumento de produção e construção de conhecimento e formação de novos leitores. E a utilização de uma metodologia e de textos literários inadequados pode causar danos graves na formação de novos leitores, interferindo no papel exercido pela literatura infantil, que é de formar cidadãos com olhar crítico na sociedade, e desenvolvendo, conseqüentemente, leitores ativos.

Para que a literatura infantil forme efetivamente novos leitores, é necessário que os professores observem alguns detalhes que são princípios básicos para o uso da literatura em sala de aula. Primeiramente deve-se observar a maneira como a literatura é trabalhada; se se utiliza a palavra trabalhada e não ensinada, pois, como sabemos, a literatura apresenta um caráter formador e não mais modelador de indivíduos. Portanto, é necessário evitar cobranças excessivas, que induzam ao ensino/aprendizado sistematizado, não oferecendo espaço para o aprendizado espontâneo (COSTA, 2007).

É nesse momento também que a Escola deve analisar o tipo de material que está sendo fornecido pelas editoras, as chamadas adaptações literárias.

## O USO DOS LIVROS DE ADAPTAÇÃO

As adaptações das obras clássicas têm reflexos culturais na formação de leitores e da cidadania. A prática merece estudo e procedimentos específicos no instante de serem escolhidos, seja para leitura espontânea, seja para adoção em sala de aula.

Não existe estatística sobre o assunto, mas estima-se que mais de um quarto dos livros de literatura infanto-juvenil comercializados no Brasil não retratam temas originais. Sabendo de que há procura, aceitação e adoção de livros de adaptação de obras clássicas, e as editoras mantêm em catálogo uma coleção para atendimento desse segmento do mercado.

Como conceito inicial, pode-se dizer que toda leitura é boa, que ruim é não ler. No entanto, o mercado editorial não está mais preocupado com nacionalização do livro, como acontecia nos tempos de Monteiro Lobato, e sim com a produção em massa de livros adaptados para a satisfação do mercado financeiro.

Na época de Monteiro Lobato era necessário a existência de tradutores, e mais ainda da produção de textos voltados para a infância e a adolescência, e, para isso, o mercado editorial tinha que recorrer às adaptações. A própria Editora Nacional foi pioneira na produção de traduções e adaptações de clássicos. O problema é que o mercado editorial evoluiu e a tradução e a adaptação se profissionalizaram, gerando um grande mercado quantitativo e não qualitativo. Com isso, a escolha de um livro, agora, pode orientar-se por princípios mais objetivos. Deve se observar que a obra escolhida não desvirtue os conceitos éticos e não comprometa os rudimentos da língua portuguesa. Além disso, essas adaptações devem estimular a criatividade, a interpretação e a cidadania. E, sobretudo, que contribua para a humanização, para a quebra do individualismo da juventude do mundo moderno.

Não devemos esquecer que o livro é produto cultural linguístico, que carrega valores históricos, sociais, ideológicos, estéticos e morais. Quando usado para formação do indivíduo, ele não pode ser simplesmente entregue nas mãos das crianças e dos jovens sem o estabelecimento desses referenciais.

Devido à discussão que gira em torno da validade do uso das adaptações em sala de aula e pelo fato de que nem todos os especialistas recomendam o uso das adaptações, pois, segundo eles, sempre mutilam os recursos linguísticos e a extensão da obra, permanecendo do original quase só a história, foi feita uma análise da adaptação da obra *Triste Fim de Policarpo Quaresma* de Lima Barreto.

#### ADAPTAÇÃO DA OBRA: *Triste fim de Policarpo Quaresma*

A adaptação dessa obra pertence à coleção Reencontro Literatura da Editora Scipione, foi produzida por José Louzeiro, em 104 páginas destinadas ao público a partir de 13 anos e está custando no mercado um valor aproximado a vinte e oito reais.

A adaptação trata do mesmo assunto da obra original: cidadania, comportamento, literatura brasileira, nacionalismo e sociedade.

Quaresma era considerado no arsenal: a sua idade, a sua ilustração, a modéstia e honestidade de seu viver impunham-no ao respeito de todos.

Sentindo que a alcunha lhe era dirigida, não perdeu a dignidade, não prorrompeu em doestos e insultos. Endireitou-se, concertou o pince-nez, levantou o dedo indicador no ar e respondeu:

-- Senhor Azevedo, não seja leviano. Não queira levar ao ridículo aqueles que trabalham em silêncio, para a grandeza e a emancipação da Pátria. (BARRETO, p. 4)

A história se passa nos primeiros anos da República brasileira. Policarpo Quaresma é um major de hábitos regulares, cujo lazer é estudar a pátria e tudo o que lhe diz respeito. Cercado de militares medíocres e sem vocação, seu exacerbado nacionalismo é considerado loucura perigosa, e ele é trancafiado em um hospício. Após anos de luta incansável para preservar as tradições e os costumes nacionais, Quaresma acaba descobrindo que a Pátria que quisera ter era um mito. Sátira impiedosa de um Brasil burocrático, que ainda hoje se mantém atual.

É certo de que essa adaptação é uma forma de aproximar-se do original, da trama e da mensagem que o autor quis comunicar, no entanto a linguagem erudita do texto original não é encontrada nessa adaptação que se contenta em aproximar essa linguagem à realidade em que o aluno está inserido. Veja:

Os colegas ouviam-no respeitosos e ninguém, a não ser esse tal Azevedo, se animava na sua frente a lhe fazer a menor objeção, a avançar uma pilhéria, um dito. Ao voltar as costas, porém, vingavam-se da cacetada, cobrindo-o de troças: "Este Quaresma! Que cacete! Pensa que somos meninos de tico-tico... Arre! Não tem outra conversa". (BARRETO, p.4).

Percebemos no trecho certo coloquialismo e descontração nas palavras, o que facilita a compreensão da leitura pelo público leitor ao qual ela é destinada, ou seja, aos estudantes do Ensino Fundamental. Nessa adaptação, a fuga do texto original se encontra apenas na mudança da linguagem rebuscada para um registro mais informal, porém, a Escola deve ficar atenta a todas as mudanças ocorridas nas adaptações, para que a mesma não seja distorcida do seu objetivo, que é o de incentivar a leitura e aproximar o aluno da obra original.

As adaptações não são uma prerrogativa dos brasileiros, os ingleses chegam a considerá-las como “pontes” para se chegar ao original. Há de se reconhecer que as adaptações inoculam mais rápido, na formação do homem, os mitos criados pelos clássicos. Os mitos dos clássicos esclarecem as paixões e os conflitos humanos.



O clássico ultrapassa a literatura propriamente dita e promove um passeio na história da cultura, por isso não devemos nos limitar a entregar ao aluno apenas o texto adaptado. É necessário apresentarmos paralelamente o capítulo original e o adaptado. Desse modo, os alunos aproveitaram melhor o processo de leitura como forma de cidadania, e o professor, por sua vez, terá a certeza de que desenvolveu seu papel com êxito.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A polêmica sobre a validade da adaptação dos clássicos para crianças está longe de ter fim, mas o tema deve ser tratado com atenção. Se a intenção é fazer da leitura das adaptações uma ponte para a leitura dos clássicos, a figura do professor como mediador de leitura torna-se indispensável. Pois sozinhos, poucos serão os alunos que buscarão o texto original na época em que estão fazendo a leitura da adaptação. Esta terá, então, a finalidade de colocar o texto na memória de leitura da criança que, quando adulto, já mais preparado para o contato com o original, poderá realizar-se enquanto leitor crítico, capaz de desbravar o mundo dos clássicos. Vimos que existem grandes diferenças entre as obras que se propõem a adaptar os clássicos. Cabe, portanto, ao professor a escolha da abordagem que fará e do trabalho que desenvolverá com os alunos, a partir do texto escolhido cuidadosamente sem cair na armadilha de mercado imposta pelas editoras.

Constatou-se também que a proposta de adaptar as obras clássicas para o público infanto-juvenil teve sucesso no Brasil, onde há várias propostas diferentes, que fazem a ligação entre o texto juvenil e o clássico.

Em resumo, a adoção de obras adaptadas deve ser revestida de precauções, com estudos preliminares para que sejam contextualizadas com o original e com a época e o universo linguístico em que foram compostas e também para não cair na propaganda promovida pelas editoras para vendê-las numerosamente. Nunca devem ser prioritárias. O original deve ser sempre o destaque no âmbito da leitura.

## REFERÊNCIAS

CADEMARTORI, Lígia. *O que é literatura infantil*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. Trad. Nilson Molin. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil: teoria, análise e didática*. 1.ed. São Paulo: Moderna, 2000.

COSTA, Marta Moraes da. *Metodologia do ensino da literatura infantil*. 1. ed. São Paulo: Ibplex, 2000.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. *Literatura infantil: teoria & prática*. 10. ed. São Paulo: Ática, 1990.

LOBATO, Monteiro. *Dom Quixote das crianças*. São Paulo: Ed Brasiliense, 1968.

ZILBERMAN, Regina. *A Literatura Infantil na Escola*. 1. ed. São Paulo: Global, 1985.  
\_\_\_\_\_. *Leitura em crise na escola*. 1. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

[http://www.scipione.com.br/mostra\\_livro\\_paradidatico.asp?id\\_livro=777](http://www.scipione.com.br/mostra_livro_paradidatico.asp?id_livro=777). Acesso em 14 de abril de 2011.